

## Introdução

Sérgio Pereira dos Santos<sup>1</sup>

A questão racial brasileira faz parte intrinsecamente das relações sociais brasileiras, não apenas pelo fato de o Brasil ter vivido a escravidão por quase quatrocentos anos ou por ter sido o último país das Américas a acabar com ela, mas também por manter, após a abolição, rígidas e perversas assimetrias entre pessoas de marcas raciais distintas, no caso, entre negros e brancos. Essas desigualdades raciais, como apontam muitos dados estatísticos do governo e de institutos privados, são verificadas, principalmente nos espaços de poder material e simbólico, de prestígio e privilégio, como no sistema universitário, no mercado de trabalho, no sistema político, na estrutura judiciária, no campo empresarial e diplomático, enfim, nas “áreas duras”.

Nesse preâmbulo e no contexto de meu doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação, de minha vinculação, como pesquisador, no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e de um grande incentivo de minha orientadora, a Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Santos Correa Barreto (*in memoriam*), no ano de 2013 foi germinada e produzida a ideia de montar e ministrar um curso de extensão na UFES intitulado “As teorias sociais das relações raciais com interfaces no processo educacional”.

Nesse sentido, o acesso e o estudo da complexa, diversa e polissêmica produção do conhecimento ou do estado da arte sobre as relações raciais brasileiras dos séculos XIX e XX são pertinentes para se compreender como foi e é pensada, vivida e ressignificada as variadas formas de se entender o contato entre os grupos étnico-raciais que formam a nação brasileira, mormente a abertura política democrática brasileira nos anos de 1980.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pelo PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Pós-Doutorando em Educação pelo PPGE. Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, UFES, Vitória, Brasil. E-mail: [dialogosantos@gmail.com](mailto:dialogosantos@gmail.com)

O curso durou seis meses, acontecendo sempre as quintas-feiras no horário das 18:00h às 22:00h no auditório do Centro de Educação da UFES. O público do Curso variava entre estudantes de graduação de vários cursos da UFES e de faculdades privadas do Espírito Santo, militantes de movimentos sociais, principalmente do movimento negro, professores das redes municipais e estaduais de ensino, gestores educacionais e estudantes de mestrado e de doutorado em educação. A metodologia do curso basicamente se deu com aulas expositivas e dialogadas, com pesquisas e revisão bibliográfica, com vídeos e filmes sobre a temática étnico-racial, com estudos comparativos de textos e legislações e com professores convidados que são especialistas ou que estudam autores debatidos no Curso. Para debater as ideias de Nina Rodrigues e Arthur Ramos, por exemplo, a professora Cleyde Amorim fez uma profícua discussão. O Professor Claudio M. Coelho discutiu competentemente as ideias de Gilberto Freyre. A Professora Andrea Mongim apresentou e debateu as construções teóricas de raça de Franz Boas. Os professores Osvaldo Oliveira e Sandro Silva problematizaram brilhantemente as ideias de Florestan Fernandes. Já o Professor Ahyas Siss, como ex-aluno de Carlos Hasenbalg, trouxe ricamente os conceitos dessa referência das relações raciais brasileiras.

O curso visou ampliar a discussão sobre as relações etnicorraciais envolvendo os afro-brasileiros e brancos, visando dar subsídios ao cumprimento da Lei 10.639/2003, que se refere ao ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos sistemas escolares brasileiros. Para isso, o curso objetivou-se analisar a produção teórica/acadêmica e militante das relações raciais do Brasil na interface com a produção estrangeira, considerando tanto as interpretações e perspectivas do processo do racismo e das desigualdades raciais brasileiras, vinculados a um projeto de estado nação, quanto o processo de construção da educação racista e anti-racista no contexto escolar.

Nessa direção estudamos as Teorias Científicas/Racialistas dos séculos XIX na Europa e suas influências no Brasil. Ideias de “degeneração das raças” de Arthur de Gobineau, do “determinismo geográfico” de Ratzel e Buckle, de “inteligência nata” de Galton, do “homem criminoso” de Cesare Lombroso foram também discutidas. Autores como o Padre Antonil; Joaquim Nabuco, João Baptista Lacerda, Edgar Roquette-Pinto, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Alberto Torres, Manoel Bonfim, Oliveira Viana e Silvio Romero, no

ajudaram a pensar as teorias racistas no contexto brasileiro e suas projeções para pensar o futuro do Brasil. As interpretações culturalistas de Gilberto Freyre, Arthur Ramos e de Franz Boas e seus contrapontos nos ajudaram a problematizar as ideias de raça muito vinculadas ao determinismo biológico no contexto das relações raciais brasileiras, assim como da existência ou não de uma sociedade marcada por uma “democracia racial”.

Outra parte rica do curso foi a leitura e o debate da produção dos estudos sobre relações de raça patrocinado pela UNESCO nos anos de 1950 e de 1960. As obras de Thales de Azevedo, Marvin Harris e Donald Pierson foram muito úteis, principalmente pela problematização do conceito de “sociedade multirracial de classes”, ideia da qual, mesmo considerando os casos de preconceitos contra os afro-brasileiros no País, o problema real do Brasil não seria também de raça, mas exclusivamente da falta de acesso à escolarização, ao status e a superação da pobreza, mecanismos dos quais, segundo eles, seriam os responsáveis pelas diferenças sociais entre negros e brancos.

Tivemos acesso também às teorias produzidas, dentro das pesquisas da UNESCO, pela Escola de Sociologia Paulista, principalmente a de Florestan Fernandes, Octávio Ianni e Oracy Nogueira que trazem o debate de raça e classe, a desmitificação da ideia de “harmonia racial”, a concepção do “preconceito de ter preconceito”, e os conceitos de preconceito de origem e preconceito de marca, na comparação entre o preconceito brasileiro e o norte-americano. Tal comparação também foi evidenciada com a obra clássica de Carl Degler, intitulada “Nem preto, nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos E.U.A”. Para esse autor, a grande explicação para a “harmonia racial brasileira” seria que no Brasil “os mulatos” ou a mestiçagem seria a “válvula de escape” dos conflitos raciais, diferentemente dos E.U.A, onde a figura do mulato não existiria como tal função.

Autores como Carlos Hasenbalg e Nelson Valle Silva, que dialogaram criticamente com as concepções de Gilberto Freyre, Carl Degler e de Florestan Fernandes, foram também muitos debatidos, como contrapontos às teorias clássicas do pensamento social brasileiro das relações raciais. Autores vinculados também ao movimento negro, como Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos e Edson Carneiro trouxeram outras formas de se entender a produção do racismo no Brasil e os privilégios para o grupo branco.

A leitura e os debates sobre uma educação anti-racista e a política de ações afirmativas [de cotas] para afro-brasileiros nas universidades também foram produzidos, considerando a “plêiade discursiva” e política envolta nas construções teóricas e práticas nas relações sociais.

A riqueza do curso foi a vivacidade com que as teorias racistas já “ultrapassadas” foram relacionadas ou contrapostas pelos cursistas para a compreensão da inserção ainda do racismo em nossas relações sociais, principalmente no sistema escolar brasileiro. Nesse processo, o conceito de raça torna-se atual como um mecanismo explicativo e sociológico das desigualdades raciais entre brancos e negros, como também um mecanismo operativo que utiliza concepções inferiorizantes e estigmatizantes nas mentalidades e práticas humanas das quais potencializa material e simbolicamente os brancos e sucumbi os negros a imaginários sociais negativos e a locais sociais confinados a precarização, a pobreza, ao medo, ao perigo e a morte social e, muitas vezes, física.

Como frutos da produção das leituras e dos debates oriundos do curso proposto, foi uma formação competente que já se via presente quando muitos cursistas, de alguma maneira, entendiam da existência ainda do imaginário racista e de práticas discriminatórias na escola, na universidade, na mídia, nas redes sociais, na família, no mercado de trabalho etc. Com o conhecimento do funcionamento do racismo no Brasil, há uma possibilidade maior de sua superação, principalmente com uma formação de professores coadunadas com os motes da diversidade, da inclusão, da justiça social e com as diferenças que existem no País, respaldados com a Lei 10.639/2003 e com as Diretrizes Curriculares Nacionais das Relações Étnico-Raciais. Outra consequência do curso foi os vários e ricos artigos, ora publicados nesse Dossiê, que de alguma maneira provocaram nos autores o desejo de problematizar as duras e complexas relações raciais brasileiras no contexto social e educacional brasileiro.

Diante disso, os artigos deste Dossiê tratarão de três temáticas básicas. A primeira refere-se à compreensão das relações raciais brasileiras, como o artigo de Marcelo Paixão e de Pollyanna Rangel. A segunda contempla o estudo das ações afirmativas, especificamente no contexto da UFES, como veremos nos textos de Sérgio Santos, Rosemeire dos Santos Brito e Pablo Carlos da Silva. Já a terceira temática contempla os estudos sobre a questão das

relações raciais no campo educacional, como apresentam os artigos de Tânia Mota Chisté; Vinícius de Aguiar Caloti e Cleyde Rodrigues Amorim; Kennya Eleotério da Silva e Luciana Ferreira da Silva; Ana Luiza Brandão, Karolini Galimberti Pattuzzo e Rosilene Bellon; e Guanair Oliveira da Cunha.

Que os artigos desse Dossiê sejam instrumentos profícuos de produção de outras leituras, práticas e formas de compreensão sobre o que se já produziu acerca das relações raciais brasileiras na sociedade e na educação. E a que a superação do racismo e das desigualdades raciais entre brancos e negros seja viabilizada também através do conhecimento e das teorias de como se processa esse problema social brasileiro.

Boa leitura!